

# Verdejar-envelhecer: que combinação é essa?

*Adriana Barin de Azevedo  
Ricardo Niquetti*

**RESUMO:** o modo como o campo problemático da velhice vem sendo discutido convoca um questionamento quanto às linhas de pensamento que vêm balizando tais discursos. O presente artigo discorre sobre o envelhecimento, a partir de seu plano próprio, ou seja, afasta-se da lógica de oposição de predicados (velho/jovem) para pensar o envelhecer como acontecimento. Nesse contexto, a velhice vai sendo traçada com base em uma noção de envelhecer associada à de verdejar, a qual propicia meios de criar saúde, na produção de diferentes modos de vida.

**Palavras-chave:** envelhecer; acontecimento; prudência.

**ABSTRACT:** *The way in which the problematic field of old age has been discussed summons a questioning about the lines of thought that have been delineating such discourses. The present article approaches aging but it starts from its own plane. In other words, it moves away from the logic of predicates opposition (old/young) and thinks of aging as an event. In this context, old age is gradually outlined based on a notion of aging associated with the one of turning green, which enables ways of creating health, in the production of different ways of life.*

**Keywords:** *to grow old; event; wisdom.*

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.*

*O que ela quer da gente é coragem.*

(João Guimarães Rosa, 1965, p. 241)

Quando tomamos como problema a questão do envelhecimento, somos convidados a adentrar num campo de discussão que se ocupa de um momento da vida de todos. Essa questão torna-se premente quando o indivíduo se torna velho, pois diz respeito a um estágio em que se evidenciam relações de fragilidade, incapacidade e doença.

Como o lugar do velho remete a todo esse conjunto de impotências, buscam-se meios de afastar essa condição limitadora e aterrorizante que perpassa a velhice. Para isso, as ciências médico/biológicas concentram seus esforços na tentativa de controle das mudanças psicofísicas ocorridas no processo de vida, buscando reduzir as alterações que um corpo sofre ao envelhecer, ou seja, conservá-lo o mais sadio possível. Dentro dessa lógica, vigora uma concepção de saúde diretamente relacionada a uma identidade jovem, sendo o problema posto a partir de um princípio de oposição, em que a velhice é o pólo negativo.

A maioria das pesquisas realizadas no campo da Gerontologia pauta-se por essa lógica de pensamento, simplificando assim tal problemática, numa relação de contraste do velho com o jovem, numa oposição de predicados e enclausurando, na identidade de um conceito, a diferença que lhe é própria.

Propomo-nos, neste artigo, fazer um passeio pela questão do envelhecer a partir do campo problemático que ela engendra ou, melhor dizendo, a partir das relações, afectos e forças que a velhice estabelece consigo mesma. Nossa discussão afasta-se de uma leitura por representação, fazendo-se no próprio plano de pensamento dessa questão.

## Verdejar-envelhecer

Como primeira abordagem, vamos discutir por onde passa o envelhecer humano, no que diz respeito ao seu organismo. Ensaiaremos algumas idéias partindo de uma perspectiva da filosofia da diferença,<sup>1</sup> a qual discute o campo problemático de produção de sujeitos.

O modo corriqueiro de pensar um organismo é a partir de seus atributos: por exemplo, posso dizer que a árvore é verde; assim, o atributo verde é que define o sujeito árvore. Essa relação de um predicado dizer algo de um sujeito é uma das maneiras de tomar a questão da velhice. Posso dizer que tal pessoa é velha, o que significa que velha define uma condição de vida, uma identidade.

No entanto, um sujeito-organismo não se constitui por atributos, mas sim por singularidades pré-individuais que se engendram num campo imanente a cada ser singular. Trata-se de um corpo inorgânico<sup>2</sup> envolvendo esse organismo, de uma multiplicidade de singularidades povoando esse campo e se atualizando em diferentes modos de vida, sendo a velhice um desses modos.

Retomando o exemplo da árvore, como sugere Deleuze, em *Lógica do sentido*,<sup>3</sup> dizemos que aquilo que a constitui é um verdejar, não mais um

- 1 A filosofia da diferença é uma corrente francesa da filosofia, que tem como pensador ícone Gilles Deleuze. Esse filósofo, junto a outros pensadores dessa corrente, faz uma crítica à teoria da representação, propondo uma nova imagem do pensamento.
- 2 A concepção de corpo orgânico e corpo inorgânico ou corpo sem órgãos aparece, na obra de Deleuze, como dois campos enrolados um ao outro, coexistindo de tal modo que um corpo inorgânico é imanente ao corpo orgânico (ou organismo) garantindo a este último seu processo de diferenciação. As transformações de um organismo, no que diz respeito aos distintos modos em que ele se arranja nas circunstâncias de que participa, acontecem através de corpos sem órgãos produzidos neste plano imanente. Encontramos a discussão do corpo orgânico e do corpo inorgânico em diferentes obras deste autor, com destaque, em especial, a *L'Anti-OEdipe* (1972), livro escrito em parceria com Félix Guattari.
- 3 Neste livro, de 1969 (trad. br. Luiz Roberto Salinas Fortes, 1974), Deleuze discute a noção de sentido, como subsistente a proposição. Trata-se de uma noção de acontecimento, que está na transpassagem de todas as relações. No capítulo-série "Das Proposições" e, em outro intitulado "Da Gênese Estática Ontológica", ele discute a noção de "verbo no infinitivo" como expresso da proposição.

predicado qualitativo como verde, mas um verbo no infinitivo. Podemos compreender melhor se tomamos o universo da linguagem e entendemos que o sentido subsiste numa proposição. Numa proposição, um predicado é que diz algo de um sujeito; no entanto, o sentido da proposição só existe “na fronteira entre as proposições e as coisas” (Deleuze, 2003, p. 23), ele é o acontecimento através do qual a árvore se singulariza, é o que garante a ela individuar-se verde. Esse verbo no infinitivo, que é o sentido que subsiste na proposição, é a variação de intensidades que libera qualquer organismo da condição de estático, o que quer dizer que todas as coisas sofrem variações por estarem vivas.

O verbo no infinitivo exprime o tempo do acontecimento, do devir. É nele que o sujeito varia em velocidades e lentidões sempre distintas, em múltiplos processos de individuação. É esse entretempo, esse sentido que transpassa a proposição, que não está presente na predicação. Envelhecer é o acontecimento que precede a “condição” de velho atribuída a um sujeito.

Desse modo, pensamos o envelhecer como campo de diferenciação que garante ao sujeito individuar-se velho. Trata-se da transpassagem de um plano de singularidades pré-individuais na vizinhança das quais o sujeito se constitui.

Verdejar e envelhecer são os movimentos de variação, da árvore e do sujeito, responsáveis pelo processo de diferenciação pelo qual passa toda a vida, como um devir velho da velhice e um devir verde da árvore, verdadeiros criadores dos modos de ser árvore e de ser velho.

Essa leitura leva-nos a um outro modo de pensamento quanto ao que se apresenta como “velho” no contemporâneo. Implica dizer que o processo de envelhecer como transformação constante é constitutivo de cada pessoa em particular, o que significa que não podemos tomar a qualidade de “velho” como uma identidade, mas sim como processo de criação de si.

Esse aspecto obriga-nos a pensar que as relações envolvendo a velhice como um “lugar” de limitações, que salientam um universo

de incapacidades e doenças, principalmente quando comparado a um universo jovem, desconsideram a complexidade do plano imanente<sup>4</sup> que a constitui.

O processo de envelhecimento precisa recuperar sua veia diferenciante, que garante encontrar, no seu campo de afectos<sup>5</sup> e de encontros, as linhas de criação de novos modos de vida.

Quando essa condição mostra-se fragilizada, são as ciências que vêm acolhê-la de um ponto de vista externo a esse campo de intensidades. É por esse aspecto que vale tomar como questão um campo intensivo que percorre a velhice, nas suas relações de força e suas produções de existência, e não mais depender de julgamentos externos, que resumem a predicados o envelhecer.

## Velhice-doença

Através dessa vertente de pensamento, ilustrada pela idéia de verdejar/envelhecer, podemos investigar um dos mais fortes atributos imputados à velhice, sua relação com a doença, doença essa amplamente estudada pelas ciências médico/biológicas. Interessa-nos aqui problematizar se essa associação efetiva-se numa relação de oposição de predicados, como discutimos anteriormente.

---

4 O conceito de plano de imanência ou plano de consistência é desenvolvido por Deleuze em diversas de suas obras, apresentando uma diferenciação com um plano de transcendência, o qual busca explicações superiores, que estão acima de todas as relações. A imanência, como salienta Deleuze em seu último texto *Imanência: uma vida*, “não está relacionada a Alguma Coisa como unidade superior a toda coisa, nem a um Sujeito como ato que opera a síntese das coisas: é quando a imanência não é mais imanência para um outro que não seja ela mesma que se pode falar de um plano de imanência. Assim como o campo transcendental não se define pela consciência, o plano de imanência não se define por um Sujeito ou um Objeto capazes de o conter”.

5 A noção de afectos é discutida por Deleuze em seus trabalhos sobre Espinosa; e apresenta essa grafia com “c”, ao invés de ser escrito “afeto”, pois visa marcar uma diferenciação com a noção de afeto vinculada a sentimento. O que Deleuze define por “afectos” são modos de sentir que não pertencem a um sujeito, mas são como blocos imanentes que o atravessam a todo o momento. Encontramos essas referências em Espinosa: filosofia prática e no artigo *Espinosa e as três éticas* (1997).

No âmago dessas ciências, percebe-se uma crença de que a doença nada mais é do que alguma forma de distúrbio, transtorno, déficit ou excesso que acontece no nível de funções e órgãos. Isso legitima uma prática que compreende a diferença entre normal e patológico como uma mera diferença quantitativa, como se os fenômenos patológicos fossem, no organismo vivo, apenas variações quantitativas de base fisiológica.

Essa condição legitima ações ilimitadas de medicalização, já que tudo o que se desviar da norma deve ser combatido e tratado. É nesse ponto que a discussão de uma velhice normal torna-se importante, pois essa idéia é imbricada numa concepção de saúde perfeita. Segundo Canguilhem,

A saúde perfeita não passa de um conceito normativo, de um tipo ideal. Raciocinando com todo o rigor, uma norma não existe, apenas desempenha seu papel, que é de desvalorizar a existência para permitir a correção dessa mesma existência. (2000, p. 54)

Para avançarmos mais na discussão, poderíamos sugerir que a elaboração desse ideal de velhice normal é profundamente influenciada por características de um estereótipo jovem, o que se torna claro pelos manuais de envelhecimento, os quais propagam a permanência de características ditas joviais por toda a vida.

Tais afirmações parecem evidenciar que o binômio doença/velhice defendido pelas ciências médico/biológicas é um esforço de dominação e controle da vida, tentando evitar as modificações que são inerentes a ela.

Trata-se, desse modo, de uma negação e desvalorização que provoca algo ainda mais grave, que é o julgamento de toda forma de vida. Essa atitude autoritária provoca a depreciação de todos os modos de vida que escapam do modelo dominante, ignorando as estratégias singulares de invenção de velhices.

Nesse sentido, torna-se claro que a filosofia dessas ciências continua com uma relação de oposição de atributos (predicados), desconsiderando o campo problemático que o envelhecer engendra a partir de si mesmo.

### **Afirmção da vida**

Na esteira de uma filosofia da diferença, encontramos, num filósofo alemão, toda uma teoria conclamando à afirmação da vida. Nietzsche convida-nos a uma afirmação imbricada em acatar os movimentos e devires que potencializam nossas forças. Uma vida, nessa perspectiva, alarga-se na medida em que os julgamentos, as negações, as justificativas deixam de vigorar e o que permanece é uma vida que luta consigo mesma fazendo seus próprios jogos e avaliações.

Para esse filósofo, a doença está ali onde se buscam remédios prescritos por um julgamento exterior à própria vida.

Foi através dos meios de consolo que a vida recebeu o fundamental caráter sofredor em que hoje se crê; a maior doença dos homens surgiu do combate a suas doenças, e os aparentes remédios produziram, a longo prazo, algo pior do que aquilo que deveriam eliminar. Por desconhecimento, os recursos momentaneamente eficazes, anestésiantes e inebriantes, chamados de “consolações” foram tidos como os verdadeiros remédios, e nem mesmo se notou que o preço pago por esses alívios imediatos era freqüentemente uma piora geral e profunda do mal-estar, que os doentes iriam sofrer as conseqüências da embriaguez e, depois, a privação da embriaguez, e, depois ainda, uma oprimente sensação geral de inquietude, agitação nervosa e indisposição. Atingindo um certo grau de doença, não havia mais recuperação – disso cuidavam os médicos da alma, por todos reconhecidos e adorados. (Nietzsche, 2004, p. 45)

Nessa mesma linha, Deleuze alimenta-se da fonte nietzschiana para insistir que o modo pelo qual nos relacionamos com dificuldades, mudanças e sofrimentos indica nossa postura diante da vida, seja ela de superabundância ou empobrecimento.

“Aqueles que sofrem da superabundância de vida” fazem do sofrimento uma afirmação, como da embriaguez uma actividade; na laceração de Dionísio reconhecem a forma extrema da afirmação, sem possibilidade de subtracção, de excepção nem de escolha. “Aqueles que sofrem, pelo contrário de um empobrecimento de vida” fazem do sofrimento um meio de acusar a vida, de a contradizer, e também um meio de justificar a vida, de resolver a contradição.<sup>6</sup> (Deleuze, s.d., pp. 26-27)

Podemos reconhecer todo esse movimento em algumas falas que ouvimos com frequência em nosso cotidiano. É tão comum alguém dizer: “Tendo uma vida cheia de ocupações, não se envelhece!” ou “Você nem parece tão velho assim!”, ou ainda “É um velho de espírito jovem!.” Num primeiro momento, essas expressões não parecem dizer muito; no entanto, sinalizam um modo de ver a velhice que sustenta toda uma prática com relação ao lugar do velho no contemporâneo.

A crença em “estar ocupado” passa, por exemplo, por uma idéia de que ter compromissos afasta a atenção com relação à velhice. É uma maneira de evitar um momento penoso, criando, para isso, estratégias de esquecê-lo.

Dizer que “alguém não parece velho” explicita que velho não é uma qualidade positiva. Há todo um mito em torno da velhice que insiste em provocar reações negativas com relação a ela.

O que percebemos é que a embriaguez com a vida, na forma como ela vem, é constantemente negada por nós enquanto não aceitamos seus processos. A busca constante pelo saber médico tira da complexidade da existência sua potência própria de criação de saúdes. Ou seja, a vida é passível de um julgamento exterior a si.

O que é tão perigoso em se embriagar nessa multiplicidade viva que nos constitui? Não estaríamos buscando remédios que, ao invés de curar, adoecem, na medida em que nos tornam anestesiados para a vida?

---

6 A grafia das palavras segue a edição portuguesa do livro citado *Nietzsche e a Filosofia* (s/d).

Envelhecer tem suas relações peculiares com o sofrimento. Entretanto, cabe perguntar o que é grande demais nesse sofrimento: a condição de ser velho e frágil perante a sociedade ou dar-se conta da potência intensiva da própria vida?

Por que ser velho parece ser uma injustiça da vida? Que idéia transcendente é essa que julga ser o imprevisível perigoso demais, a ponto de nos munirmos de remédios a qualquer novo acontecimento que nos convoca?

Esse empobrecimento de vida, de que fala Nietzsche, é a expressão de uma fraqueza, materializada em julgamentos que não abrem espaço ao acaso. No entanto, é em meio ao acaso que acontecem encontros, plenos de intensidade, por onde passa o envelhecer. Esse verbo no infinitivo é um intempestivo, que é a condição vital de nosso processo de diferenciação.

O que seria então afirmar esta vida, senão inventar remédios a partir dela mesma?

O sofrimento e algumas adversidades que transpassam esse envelhecer tornam-se bons encontros, quando se aprende, com certa prudência, a experimentar novos modos de sentir, novos modos de agir e de criar vidas. É assim que se produz saúde.

É bem possível que se defender do imprevisível que nos afeta seja bem mais pesado de suportar do que se entregar a ele.

O que vai aparecendo nessa discussão é uma nítida diferença entre duas maneiras de tomar o problema do envelhecimento; são dois modos de pensamento que fundamentam todo um sentido de ser velho, um deles dentro de uma lógica da representação alicerçada em oposições de predicados, e o outro a partir de uma filosofia da diferença, fomentado por uma relação de força e afirmação da vida.

No fluxo dessa segunda perspectiva, perseguimos um movimento de variação, através dos afectos que se cruzam na vizinhança dessa questão.

Na leitura deleuzeana de Espinosa,<sup>7</sup> somos iniciados no plano dos afectos. Ele nos mostra que um corpo é um conjunto de afectos em relação, que se estabelecem nos encontros ao acaso. Muitos encontros são simplesmente o das paixões tristes, nos quais não compreendemos a relação entre os afectos que nos atravessam, julgando pelo bem e o mal nossos estados. Mas há também bons encontros, quando compreendemos quais relações nos fortalecem e aumentam nossa potência de existir.

Queremos com isso explicitar que o envelhecer é o movimento por onde se combinam afectos, em que partes extensivas de um corpo se compõem com partes extensivas exteriores a ele, engendrando relações que exprimem os modos pelos quais cada vida se apresenta. Eis aqui um aprendizado: descobrir quais relações aumentam e quais diminuem a própria força, e esse processo em nada depende dos atributos que definem um corpo, um sujeito.

### **Prudência experimental**

Não temos aí uma velhice que represente um fim, uma limitação, mas, ao contrário, um ponto de alargamento, de criação, numa luta consigo mesmo, com a própria força. Força de um andarilho que sobreviveu a diferentes tempos: que atravessou guerras, que suportou vírus, que aprendeu a cuidar de si. Isso porque colocou à prova os seus limites, na medida em que acolheu a vida na multiplicidade de suas expressões.

Nesse sentido, entendemos que não é possível conservar-se, mas sim acolher o que vem, diferenciando-se a partir de regras facultativas germinadas de si. É isso um envelhecer como potência de vida, a invenção de uma grande saúde.

Envelhecer, nessa perspectiva, é diferenciar-se de si mesmo, é o aprendizado de uma prudência. Prudência como sabedoria dos bons encontros. Não se trata de abandonar o corpo, ignorar as características que o definem, pois o corpo enquanto organismo é o substrato vital que

---

7 Discussão presente em Deleuze (2002).

garante seu próprio processo de diferenciação. É preciso cuidar desse corpo, para que ele esteja aberto ao plano de intensidades que o corpo inorgânico, imanente a ele, atualiza em novos modos de existência.

A prudência é uma arte que se aprende nos encontros da vida, num amplo processo de experimentação. São movimentos fazendo-se ora mais lentos, ora mais rápidos, buscando aproximações em meio aos encontros, sentindo o quão longe se pode ir. Ser prudente é um cuidado de si nas andanças pelos labirintos aos quais a vida nos convida.

A vida é um acontecimento, é esse processo de renovação, esse envelhecer. Lembramos da serpente: “A serpente que não pode trocar de pele perece. O mesmo acontece com os espíritos aos quais se impede de mudar de opinião: deixam de ser espíritos” (Nietzsche, 2001, p. 283).

Envelhecer é também trocar de pele, recriar-se outro singular. É esse afecto que ensaia um movimento de criar saúdes.

Produzir saúdes não depende de circunstâncias ideais para serem engendradas. Entretanto, as ciências médico/biológicas ocupam-se em definir um modelo de saúde que obedece a generalizações quanto aos modos de vida, julgando quais circunstâncias são necessárias para alcançar esse ideal.

Porém, o que chamamos de criar saúdes não passa pelo julgamento dos bons comportamentos defendidos pela ciência. Para além disso, essa criação acontece quando se pergunta pela potência presente em cada sensação que se vive; pela potência presente numa doença que afeta e que parece ser grande demais.

A vida segue esse ritmo de movimentos e afectos, de encontros que se engendram ao acaso e que são mais ou menos potentes, dependendo da prudência com que cada um constrói seus passos.

Por isso, envelhecer é um devir, devir sempre outra coisa diferente de si mesmo. Devir-velho é devir um acontecimento, uma brisa, é compor-se com o passo lento, é misturar-se com a abelha que pousa em sua mão. Extrair partículas de si para tornar-se um amanhecer outonal. É a composição de uma grande saúde.

Trata-se de aprender a verdejar, de aprender a envelhecer, de aprender a criar saúdes.

Se pudéssemos medir o tempo necessário a uma vida, diríamos que é o tempo de um aprendizado, de uma prudência, de uma afirmação, num modo de envelhecer alegre.

## Referências

- CANGUILHEM, G. (2000). *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro, Fonte Universitária.
- DELEUZE, G. (1997). *Crítica e clínica*. São Paulo, Editora 34.
- \_\_\_\_\_(2002). Imanência: uma vida. *Revista Educação e Realidade - Dossiê Gilles Deleuze*, v. 27 (jul.-dez.), n. 2.
- \_\_\_\_\_(2002a). *Espinoso: filosofia prática*. São Paulo, Escuta.
- \_\_\_\_\_(2003). *Lógica do sentido*. São Paulo, Perspectiva.
- \_\_\_\_\_(s/d). *Nietzsche e a filosofia*. Porto, RES Editora.
- DELEUZE, G. e GUATTARI, F. (1972). *L'anti-OEdipe*. Paris, Minuit.
- NIETZSCHE, F. (2001). *A gaia ciência*. São Paulo, Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_(2004). *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. São Paulo, Companhia das Letras.
- ROSA, J. G. (1965). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro, José Olympio.

*Data de recebimento: 15/8/2007; Data de aceite: 3/9/2007.*

---

Adriana Barin de Azevedo – Psicóloga formada pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: adri\_barin@yahoo.com.br

Ricardo Niquetti – Professor de Educação Física, formado pela Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: ricardoniquetti@hotmail.com